

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 31 No. 2 2018

ESPECIAL: ARQUEOLOGIA DA INFÂNCIA

ARTIGO

A INFÂNCIA E O SISTEMA SEMIÓTICO DE MÃOS CARIMBADAS NA ARTE RUPESTRE

Marcélia Marques*

RESUMO

Os agentes sociais infantis gravavam registros arqueológicos, muito embora por um longo período não tenham sido considerados relevantes no marco da literatura arqueológica. No Estado do Ceará, no Nordeste do Brasil, há registros de mãos carimbadas infantis num painel de arte rupestre. No marco dos sistemas de classificações que fundamentam tradições arqueológicas de arte rupestre, as mãos carimbadas foram circunscritas à Tradição Agreste e, posteriormente, como expressivo demarcador da Tradição Geométrica. Na perspectiva semiótica, independente de se filiar a tradições arqueológicas em arte rupestre, o estudo de mãos carimbadas é passível de se constituir num corpus de elementos icônicos, no qual a pintura de mãos carimbadas infantis está na ordem da similaridade do objeto.

Palavras-chave: Arte Rupestre; Semiótica; Mãos Carimbadas Infantis.

* Núcleo de Arqueologia e Semiótica do Ceará (NARSE)/Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: marcelia.marques@uece.br. Rua José de Queiroz Pessoa, Nº 2554 - Planalto Universitário. CEP: 63.900-000. Quixadá/CE.

CHILDHOOD AND THE SEMIOTIC SYSTEM OF STAMPED HANDS IN ROCK ART

ABSTRACT

Children produced material found in archaeological records were not considered relevant to the archaeological literature for a long period. However, there are records of children's stamped hands on a panel of rock art in the state of Ceará located in the Northeast of Brazil. In the framework of the classification systems that support the archeological traditions, the stamped hands were included in the 'Tradição Agreste' and later considered as an expressive limit of the Geometric Tradition. According with a semiotic perspective, regardless of its inclusion in the archaeological traditions of rock art, the study of stamped hands is capable of constituting a corpus of iconic elements, where the painting of children's stamped hands is in the order of the object's similarity.

Keywords: Rock Art; Semiotics; Children's Stamped Hands.

LA INFANCIA Y EL SISTEMA SEMIÓTICO DE MANOS CARIMBADOS EN EL ARTE RUPESTRE

RESUMEN

Los agentes sociales infantiles generaban registros arqueológicos, aunque por un largo período no se consideraron relevantes en el marco de la literatura arqueológica. En el Estado de Ceará, en el Nordeste de Brasil, hay registros de manos carimbados infantiles en un panel de arte rupestre. En el marco de los sistemas de clasificaciones que fundamentan tradiciones arqueológicas de arte rupestre, las manos selladas fueron circunscritas a la Tradición Agreste y, posteriormente, como expresivo demarcador de la Tradición Geométrica. En la perspectiva semiótica, independiente de afiliarse a las tradiciones arqueológicas en arte rupestre, el estudio de manos estampadas es posible de constituirse en un corpus de elementos icónicos, donde la pintura de manos carimbado infantil está en el orden de la semejanza del objeto.

Palabras clave: Arte Rupestre; Semiótica; Manos Carimbados Infantiles.

AÇÕES SÍGNICAS DE AGENTES SOCIAIS INFANTIS

Os estudos arqueológicos que trazem as crianças como agentes sociais, quando comparados aos adultos na condição de produtores de registros passíveis de serem revelados, ainda são em menor proporção. No final dos anos 1990, na I Reunião de Teoria Arqueológica da América do Sul (I TAAS), realizada no Brasil, o arqueólogo Gustavo Politis, no início de sua fala sobre etnoarqueologia da infância, fez uma revisão acerca dos autores que se referiam aos agentes infantis. Entre alguns dos poucos registros arqueológicos, as mãos carimbadas de crianças foram mencionadas em alguns trabalhos (POLITIS, 1998). A limitação da ação, produção e construção simbólica, na infância, nos poucos registros literários em arqueologia, não significa que sejam escassos. Muito provavelmente as crianças não eram consideradas atores sociais que pudessem ser situadas em discussões arqueológicas centrais (LILLEHAMMER, 2000). Notadamente, esse período que prenuncia o ano 2000 foi profícuo em trabalhos com maior atenção ao mundo infantil no registro arqueológico.

Na proposição de apresentar o universo infantil quando de ações pictóricas, de produção de sentido nas vivências interativas sociais, é relevante situar este campo de saber no pensamento de Júlia Kristeva, no qual a palavra *semiose* remete a ação dos signos (KRISTEVA, 2005). Nesse amplo contexto de significação, do ponto de vista teórico-comunicacional, se inscreve a semiótica. A abordagem da semiótica na arqueologia se faz perceber inicialmente a partir de estudos realizados nos anos 1960, em que o modelo linguístico fora aplicado a dados arqueológicos. Em outra publicação (MARQUES, 2016), fiz referência à abordagem semiótica inicial no campo da arqueologia, em que os arqueólogos André Leroi-Gourhan e Annette Laming-Empèraire, na França, e James Deetz, nos Estados Unidos da América (PREUCEL & BAUER, 2001; PREUCEL, 2006), foram os primeiros a inscrever reflexões no plano da semiótica. Nesta perspectiva de alcance para a arqueologia, houve uma extrapolação do campo da tradição saussuriana focada no sentido que se pudesse dar apenas aos sons articulados, no campo da linguística, pois a semiótica passa a se expandir em direção aos sentidos que os homens dão às coisas, à cultura material. Se por um lado, os estudos que envolvem *coisas e linguagem* enfatizam que é quase impossível conceber um sistema de imagens ou objetos em que seus significados possam existir fora do âmbito da linguagem (BARTHES, 2001; 2007)¹, por outro lado, de que maneira considerar os signos referentes às coisas, quando as palavras estão intrinsecamente ligadas a *gestos indiciais*, na diversidade da cultura material, a qual se torna ostentada em sua função sígnica (ECO, 2005)? Eis uma das especificidades das artes gráficas rupestres quando submetidas a uma análise semiótica, para citar exemplos. Elas são signos quando das atribuições representativas entre aqueles que as conceberam, e posteriormente na constituição do discurso arqueológico, ao serem inseridas em fases ou tradições; e ao mesmo tempo, são signos usados para indicar o modo como as coisas foram feitas a partir dos gestos indiciais.

As pinturas rupestres de mãos humanas nos corpos rochosos são percebidas e documentadas nos mais diversos contextos culturais e ambientais do Brasil, na América bem como em outros continentes. No Nordeste do Brasil, no marco dos sistemas de classificações que fundamentam tradições arqueológicas de Arte Rupestre, as mãos carimbadas, em positivo, foram atribuídas à Tradição Agreste, onde Gabriela Martin ressalta:

¹ Nesta perspectiva é atribuída à linguagem o artifício semiótico mais poderoso!

As marcas de mãos em positivo, e às vezes, também de pés, distribuídas em vários lugares dos painéis, principalmente na parte superior dos mesmos, são também uma característica marcante na Tradição Agreste. (MARTIN, 1999: 277, *grifo meu*).

Posteriormente ao se considerar a existência de mãos pintadas em diversos recantos do mundo, as “marcas de mãos” não mais se constituem como indicadores da Tradição Agreste nem de qualquer outra tradição (PESSIS & MARTIN, 2014:43).

Na perspectiva teórica adotada pela arqueóloga Gabriela Martin, o conceito de tradição, no universo da arte rupestre, “compreende a representação visual de todo um *universo simbólico primitivo* que pode ter sido transmitido durante milênios” (MARTIN, 1999:240, *grifo meu*). As mãos carimbadas, desse modo, se inscrevem nesse “universo simbólico primitivo” segundo a autora, em que o simbolismo e o primitivismo parecem adjetivar a ação da arte rupestre de forma generalista, e, concomitantemente, se torna demasiado extenso o alcance do que a arte rupestre pode conter.

Nesse fluxo de categoria de pertencimento a um universo próprio de uma tradição ou ao aparecimento universal e, portanto, não restritivo ao que parece requerer uma classificação em termos de tradição, as mãos carimbadas se apresentam como uma manifestação essencialmente diferenciada. As mãos carimbadas são extensões do próprio corpo humano que se materializam em imagens na “tela” rupestre. Se tomarmos todo o painel de arte rupestre como um corpus de uma ação pictórica, no qual, dentre muitas imagens, algumas são carimbos de mãos pintadas, é de se considerar que estas são essencialmente diversas, pois é uma representação da forma humana “decalcada”, numa reprodução, uma impressão de uma parte do corpo humano.

O sistema semiótico, em estudos arqueológicos de arte rupestre, tem a possibilidade de ser apreendido por um *corpus* de análise constituído por representações gráficas, e, como será dimensionado a seguir, as mãos carimbadas de adultos, e num universo mais inclusivo, de crianças por uma categoria de entrada demarcada pela idade. Nesse registro de discursividade arqueológica, ao serem comparados ou equacionados dois objetos semióticos – uma construção linguística e um ato perceptivo (das imagens documentadas) – se instaura um ato metalingüístico, conforme observa Umberto Eco, pois se “associa uma construção linguística com uma construção perceptiva semiotizada, isto é, comparando e equiparando significantes pertencentes a códigos diversos” (ECO, 2005:148). Mãos carimbadas de crianças é prioritariamente uma expressão que denota ações gestuais no ato de pintar e, ainda, a presença de ações infantis num sistema semiótico tecido por agentes sociais de diferentes idades.

O MUNDO ARQUEOLÓGICO E O DISCURSO DAS TRADIÇÕES DE ARTE RUPESTRE

O sistema da arte rupestre das mãos carimbadas é passível de ser considerado na condição perceptiva de *imagens do criador em ação*, coisas em produção, no *plano da ação*, e não constituído apenas por objetos reconhecidamente descritos segundo uma tipologia, no plano de imagens finalizadas, acabadas e concluídas. A perspectiva da ação em curso, na realização de imagens, não está circunscrita apenas às interferências empreendidas nos próprios corpos rochosos, ela redimensiona o modo em que os agentes humanos se apresentam no mundo em que habitam e os modos pelos quais se reconhecem, conforme escreve Hannah Arendt:

Com a palavra e a ação nos inserimos no mundo humano e tal inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato nu de nossa aparência física original [...] Mas só a ação e o discurso estão conectados especificamente com o fato de que viver sempre significa viver entre os homens, viver entre os que são meus iguais (ARENDRT, 2005: 103, *tradução livre*).

Os homens e as mulheres ao agirem em seus mundos se inseriram enquanto atores sociais que, posteriormente serão categorizados de arqueológicos a partir da ação e das palavras. No plano da comunicação, essas sociedades pretéritas são destituídas de sonoridade na contemporaneidade, que silencia o “dito” e permanece o “feito” nas coisas criadas. No entanto os mundos atribuídos a tradições culturais, na prática discursiva arqueológica, são remediados da ausência de palavras. As ações gestuais que deram forma às coisas criadas e que, no presente, se privam de pronunciamentos, são emolduradas nos discursos do arqueólogo e, desse modo, se apresenta o “mundo arqueológico” de uma ou outra tradição cultural arqueológica. Embora esses sistemas semióticos da língua e do objeto/imagem possam ser reservados aos seus próprios termos de expressão, eles se perpassam na medida em que os arqueólogos, quando das suas análises e interpretações. Ocorre desse modo a nomeação de objetos e de imagens, os instituindo de significados e os reconduzindo ao plano da linguagem, como a denominação de “Tradição Agreste”, segundo instituição da Tradição de Arte Rupestre, no Nordeste do Brasil, que outrora um dos emblemas eram as mãos carimbadas. A linguagem se institui na dimensão das imagens criadas, em que os comportamentos são passíveis de significar, mas nunca o são de maneira autônoma, conforme bem observou Roland Barthes:

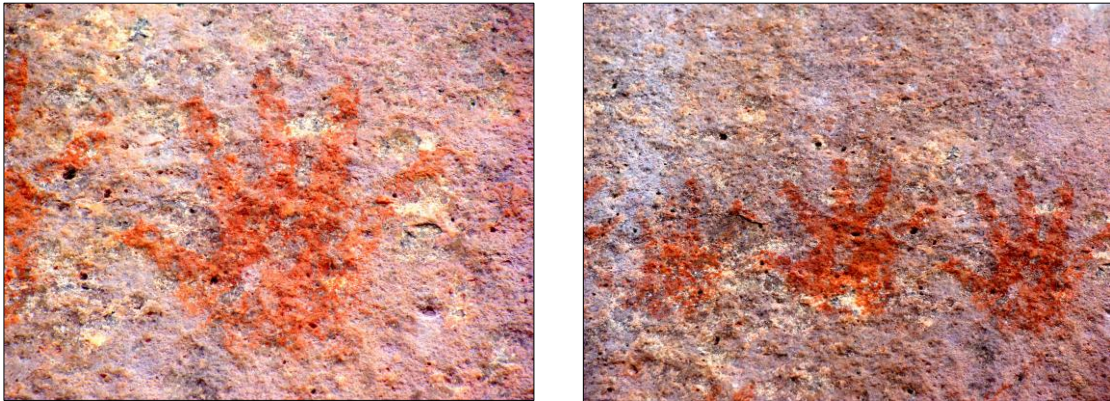
Qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem. [...] Perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão a linguagem. (BARTHES, 2007:12).

CARIMBO DE MÃOS INFANTIS NO *CORPUS* DE UM SISTEMA SEMIÓTICO

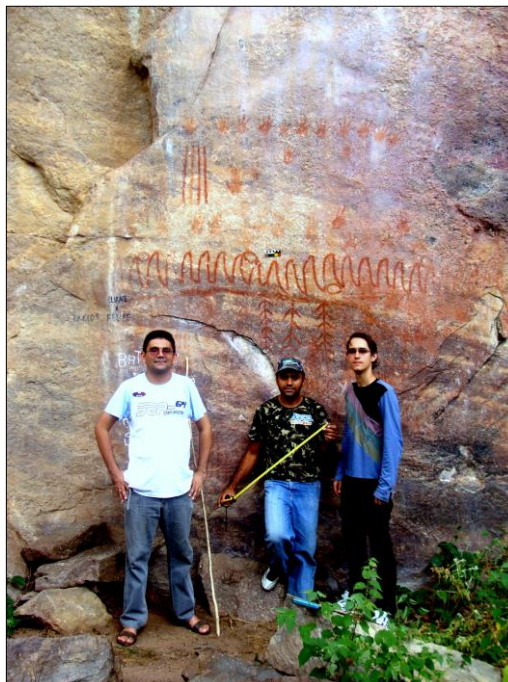
As mãos carimbadas quando das suas representações nas sociedades pré-coloniais eram signos constituídos por significantes e significados. Embora as pessoas que tenham instituído os sentidos tenham desaparecido, e a arte gráfica permanecendo sem seus criadores nas práticas sócio-culturais, os objeto-signos continuam participando de uma cadeia que os ligam a outros signos. No discurso arqueológico eles, de algum modo, são “ressuscitados” da inércia dos que jazem sob a terra. Independente de estarem inscritos em processos de curta ou longa duração – inclusive a partir de cronologias demarcadas pelos arqueólogos – os signos não se constituem em unidades estagnadas, são reconduzidos uns aos outros. Ao explicitar essa rede infinita com tendência a circularidade, Deleuze e Guattari aludem a reflexões do antropólogo Claude Lévi-Strauss:

O enunciado sobrevive a seu objeto: o nome, a seu dono. Seja passando para outros signos, seja posto em reserva por um certo tempo, o signo sobrevive a seu estado de coisas como a seu significado, salta como um animal ou como um morto para retomar seu lugar na cadeia e investir um novo estado, um novo significado do qual é extraído mais uma vez (DELEUZE & GUATTARI, 1995: 63).

Há duas categorias relevantes relacionadas ao significado da “vida social” dos objetos, e leia-se também das imagens, que de certo modo imprimem particularidades operacionais à análise semiótica. Aludo ao exemplo das mãos carimbadas de crianças, cujo tamanho é 13 cm (Figuras 1 e 2), da base do pulso à extremidade do dedo médio, que foram carimbadas no painel de arte rupestre no Serrote do Rola, em Santana do Acaraú, no Estado do Ceará.

Figuras 1 e 2 - Mãos carimbadas de crianças medindo 13 cm.

Nesse painel podem ser observados diferentes tamanhos das mãos (de crianças e adultos), denotando as atribuições de idade especialmente dos locais em que estão situadas no painel de arte rupestre. Essas posições, numa categoria de entrada perceptiva, implicam em ações e significados diversos no contexto dos painéis de arte rupestre, bem como na ação e significação dessas crianças na extensão de suas ações sociais, pretéritas, nesse sítio arqueológico. As pinturas das mãos correspondem à própria similaridade do objeto representado, a saber, as mãos humanas infantis. Nessa via de equivalência, Charles S. Peirce denomina de icônica este modo de representação (PEIRCE, 2005). Conforme pode ser visto na figura 3, logo abaixo, numa visada geral do painel, as mãos carimbadas, tanto de adultos quanto as de crianças, estão posicionadas na área superior do painel. As mãos de crianças estão acima das mãos carimbadas dos adultos. Se observa ainda que seguem um alinhamento horizontal, e que os tamanhos são semelhantes. As imagens foram registradas com pessoas posicionados nas proximidades do painel, na expectativa de mostrar que o local, no painel de arte rupestre, onde se localizam as mãos carimbadas de crianças, não poderiam ser alcançado por elas a partir do solo atual.

Figura 3 - Posicionamento das mãos carimbadas na área superior do painel de arte rupestre.

No entanto parece que a participação dos adultos carimbando suas mãos se deu de forma equidistante, correspondendo a um “alinhamento horizontal paralelo” nas ações de carimbar as mãos, em relação aos carimbos infantis (Figura 4). Se ocorreu ao mesmo tempo, ou em momentos diferentes, não podemos inferir, no momento atual de pesquisas, quanto a este aspecto. O que se pode afirmar, mesmo tendo havido remoção de sedimento na base do painel, ou remoção de blocos rochosos, é que para realizarem o ato de carimbar as mãos, as crianças necessitaram de um suporte, humano ou de outra natureza.

Figura 4 - Posicionamento e alinhamento paralelo de mãos carimbadas.



Ainda não realizamos intervenções em subsuperfície para identificarmos a existência de solo arqueológico, e, deste modo, podermos nos aproximar da real mensuração altimétrica deste solo até o posicionamento das mãos carimbadas. No entanto não há nenhum indício geológico que possa ter ocorrido nesse local onde tenha havido remoção considerável de sedimento na base da rocha e que implicasse numa depressão acentuada do solo atual e, porventura, do solo arqueológico.

A perspectiva semiótica deste trabalho teve alguns fundamentos, tais como se fez necessário reconhecer inicialmente o objetivo proposto para estudo, a saber, as mãos carimbadas. A partir desta premissa era sabido que os sistemas de significações a serem reconstruídos não eram propriamente os da língua. Nesses termos, se construiu um simulacro do objeto, mão de criança carimbada. Ele foi conduzido a signos passíveis de serem demarcados iconicamente pelo real, e que se trocam em si mesmos (BARTHES, 2007).

De acordo com a metodologia da pesquisa sígnica dos objetos apresentada por Barthes (2007), há alguns princípios e procedimentos que precisaram ser adotados para se alcançar o objetivo apontado acima. Logo no início da pesquisa, foi necessário reconhecer um princípio limitativo, em que os fatos são descritos sob um único ponto de vista, e, mais especificamente, apenas os traços que digam respeito a esse ponto de vista,

sendo excluídos todos os demais que não sejam pertinentes (nesse sentido, os traços descritos são denominados pertinentes). Na medida em que tais fatos são observados no interior do sistema, o princípio de pertinência instala uma situação de imanência para o analista. No entanto, devido ao desconhecimento dos limites do sistema analisado, a imanência terá por objeto um conjunto de fatos definidos previamente pelo pesquisador, a saber, o *corpus* – constituído pela coleção finita de materiais segundo uma homogeneidade de substância, onde se ressaltaram as mãos carimbadas. Deste modo, há um *corpus* de mãos carimbadas no sítio Serrote do Rola composto por mãos carimbadas, na área superior do painel, constituído por mãos de crianças em alinhamento horizontal e, abaixo, outro de mãos carimbadas de adultos, equidistante.

Ampliando a constituição do *corpus* de mãos carimbadas para outras áreas do Nordeste do Brasil, é possível continuar as categorias de entrada numa perspectiva da arqueologia regional, inicialmente buscando identificar o posicionamento das mãos carimbadas nos limites de cada painel. De maneira mais inclusiva desse *corpus* as mãos carimbadas infantis podem ser inseridas quando de representações isoladas ou, ainda, em proximidade de mãos de adultos ou de outros grafismos que porventura estejam, de algum modo, associadas na perspectiva da proximidade gráfica.

ARTE RUPESTRE: TÉCNICA E SENSAÇÃO

É corrente nos estudos acerca da arte rupestre se destacar o teor da técnica de realização gráfica, elementos estes que de algum modo, inscrevem o esboço do vivido e experimentado nos mundos arqueológicos estudados. Vale ressaltar que entre os vestígios arqueológicos o caráter funcional da arte rupestre não é tão perceptível quanto o teor funcional dos objetos, em sociedades consideravelmente remotas. O filósofo tcheco Flusser (2007), afirma que a designação *Homo faber* denota o pertencimento às espécies de antropóides que *fabricam* algo e, nesse sentido, a condição humana é reconhecida devido à funcionalidade, na qual os artefatos ou os seus locais de fabricação (fábrica) são os indícios de humanidade. Esse caráter funcional, a princípio, implica em transformações pelas quais passam os objetos e as pessoas que os fabricam. De acordo ainda com Flusser (2007: 36), “fabricar significa apoderar-se (*entwenden*) de algo dado na natureza, convertê-lo (*umwenden*) em algo manufaturado, dar-lhe uma aplicabilidade (*anwenden*) e utilizá-lo (*verwenden*)”.

Diante destas mudanças no plano material e da inserção de artefatos no mundo das vivências, o aprendizado ou conhecimento adquirido será relevante no domínio das atividades. Este filósofo enfatiza que as fábricas se constituem em lugares onde se produzem novas formas de homem. Na pré-história, as pessoas que fabricaram os instrumentos líticos lascados, segundo o plano das transformações circunscritas à apropriação, à conversão, à aplicação e à utilização, experimentavam novas formas de ser; não propriamente decorrentes apenas dos locais de atividades salientados por Vilém Flusser, mas, efetivamente pela própria atividade e veiculação dos objetos no plano social. Ser um lascador de pedra não estava restrito apenas ao plano das operações da transformação da matéria dada; a atividade e as experiências advindas dessa prática, circunscritas nas regras, redimensionavam a condição de lascador.

É possível projetar essas reflexões para o plano da arte, ser um pintor e/ou pintora rupestre não estava circunscrito apenas ao ato da pintura propriamente. Nesse ato estava contido todo um universo de sensações e reflexões que não se manifestaram apenas como procedimento técnico, haviam as escolhas do que pintar, onde pintar, de qual modo pintar, os sentimentos no momento de pintar, o estado filosófico-espiritual, interagindo com o painel, com o sítio e o estar no mundo.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Muito provavelmente em todas as culturas e em diferentes momentos, as mãos humanas são as partes do corpo mais habilitadas a materializarem artefatos e imagens, também revestidos de ações e significados simbólicos. As mãos agregam materiais e os convertem em criações. Adultos e crianças interagem continuamente na vida social. Os ícones das mãos carimbadas no sítio Serrote do Rola denotam um dos momentos em que agiram similarmente na ação de carimbar mãos besuntadas de pigmentos. Quais as circunstâncias em que agiam? Eram momentos de lazer ou ritualístico? Demarcavam um acontecimento diferenciado na vida de uma criança, como um rito de passagem? Não reside nenhuma perspectiva etnoarqueológica, de projeção por analogia, na narrativa que se segue. Apenas a expectativa de mostrar um momento demarcado por pintura no contexto de um ritual infantil, e não propriamente de mãos carimbadas, numa sociedade indígena Krahó, Timbira Oriental, no Estado de Goiás. Assim, recorro à narrativa do antropólogo Júlio César Melatti ao descrever um ritual infantil, em que a mãe, um ser social adulto, realizava pintura em um dos momentos desse acontecimento. Entre os Krahó, algumas crianças são consideradas *witĩ*, são meninos e meninas escolhidos dentre aqueles homens que são amantes da paz, que não se envolvem em brigas e que são generosos. Diante dos *witĩ*, não se pode brigar, pois são crianças respeitadas por todos da aldeia. Alguns rituais envolvem os *witĩ*, e, em um deles, Júlio César Melatti estava presente e assim narrou:

À mãe de *witĩ* cabe pintar certos tipos de tora antes ou depois da corrida. Assim, vi a mãe de *witĩ* dos meninos (e provavelmente dos homens adultos) pintar com urucu uma das toras Txëikhré, no pátio, depois da corrida; disseram também que ela pintou as toras Përekahë no mato antes da corrida (MELATTI, 1978: 305).

A alusão ao ritual infantil entre os índios Krahó tem a expectativa de ressaltar a participação de um adulto, a mãe da criança, na condição de pintora de toras, enquanto que na arte rupestre no sítio Serrote do Rola, os adultos pintaram a rocha e também deixaram marcas de mãos carimbadas em alinhamento paralelo, abaixo, do alinhamento de mãos carimbadas de crianças. Em ambas as circunstâncias, na narrativa etnográfica e na narrativa arqueológica são consideradas ações conjuntas entre crianças e adultos. No ritual infantil entre os Krahó, a mãe tem papel fundamental no ato de pintar, e entre os preparativos ritualísticos e no painel de arte rupestre, as mãos carimbadas de adultos e crianças parecem que em algum momento, havia uma ação similar na disposição em que as mãos de adultos e crianças foram pintadas. No Serrote do Rola, há gestos imagéticos ou grafismos icônicos, de adultos e crianças, de mãos carimbadas, que se apresentam como texto de uma narrativa que se inscreve num sistema semiótico.

De acordo com Ami Ronnemberg, as mãos encarnam a eficácia, o trabalho, a adaptação, a vontade de alcançar fins destrutivos e criativos. Essa autora, ao se referir a mãos gravadas em negativo na rocha, na caverna de Peche Merly, interpreta que os cinco dedos erguidos para cima retém uma potente expressão de consciência, incipiente, transformada em realidade pelas mãos (RONNBERG, 2011). A mão é um signo de potente expressividade, tem o potencial de se transportar para a língua, como atualmente ocorre com a linguagem dos surdos-mudos, para citar exemplo. Quando levantadas ao alto, podem significar que se está rendido. O dedo médio e o indicador, erguidos em forma de “V”, significam paz e amor em algumas culturas. Imagens e gestos transportam e transmutam mensagens pelas mãos.

Desvendar o universo de significação das mãos espalmadas e carimbadas na arte rupestre, a semiose ou ação dos signos no ato de tocar o corpo rochoso, é uma expectativa que pressupõe limitações. No entanto não pode ser atribuída como primordial apenas a

função da habilidade da mão humana em relação à confecção ou materialização das coisas do universo humano. As mãos são elementos corporais que estão para além da materialidade, elas próprias se constituem em potentes significações. A arte comunica e a mão que a cria se potencializa também em imagens pictóricas, em representações icônicas da própria marca da corporeidade humana.

AGRADECIMENTOS

A vida ou sobrevivência de sítios arqueológicos em muito decorre do zelo dos habitantes que, em maior ou menor grau, se constituem como guardiões desses acervos. Sou grata ao Francisco Leandro Costa, um entusiasta na preservação de sítios pré-coloniais, que, juntamente com membros do AMICS (Amigos da Cultura de Santana do Acaraú), me conduziu e transmitiu seus saberes sobre a plástica-paisagem do sítio Serrote do Rola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hanna. 2005. *De la historia a la acción*. Trad. de F Birulés. 1ª ed. Em Argentina. Paidós. Buenos Aires. 171pp.
- BARTHES, Roland. 2007. *Elementos de Semiologia*. Trad. de I. Blikstein. 15ª ed. Cultrix. São Paulo. 106pp.
- BARTHES, Roland. 2001. *A aventura semiológica*. Trad. de M. Laranjeira. 1ª ed. Martins Fontes. São Paulo. 339pp.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. 1997. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 4. Trad. S. ROLNIK. Editora 34. São Paulo. 170pp.
- ECO, Umberto. 2007. *A estrutura ausente*. Trad. de P. de Carvalho. 2ª ed. Perspectiva. São Paulo. 426pp.
- ECO, Umberto. 2005. *Tratado geral de semiótica*. Trad. de A. P. Danesi e G.C.C. de Souza. 4ª ed. Perspectiva. São Paulo. 282pp.
- FLUSSER, Vilém. 2007. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Trad. R. Abi-Sâmara. Cosac Naify. São Paulo. 224 pp.
- KRISTEVA, Júlia. 2005. *Introdução à semiótica*. L. H. F. FERRAZ. 2ª ed. Perspectiva. São Paulo. 209pp.
- LILLEHAMMER, Grete. 2000. The world of children. In: DEREVESKI, Joanna Sofaer. *Children and material Culture*. Routledge. London and New York.
- MARQUES, Marcélia. 2016. *Pedra que te quero palavra: arqueologia, semiose e discursividade*. Prismas. Curitiba. 282pp.
- MARTIN, Gabriela. 1999. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 3ª ed. Editora Universitária – UFPE. Recife. 440pp.
- MELATTI, Julio Cezar. 1978. *Ritos de uma tribo Timbira*. Ática. São Paulo. 364pp.
- PEIRCE, Charles. 2005. *Semiótica*. Trad. J. T. C. COELHO NETO. 3ª ed. Perspectiva. São Paulo. 337pp.
- PESSIS, Ane-Marie; MARTIN, Gabriela. 2014. Arte Pré-histórica do Brasil: da técnica ao objeto. In: BARCINSKI, F. W. *Sobre a arte brasileira: da Pré-história aos anos 1960*. Martins Fontes. São Paulo. 22-61pp.
- POLITIS, Gustavo G. 1998. Arqueología de la infancia: una perspectiva etnoarqueológica. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. nº 2. 5:5-19pp.
- PREUCCEL, Robert W. 2006. *Archaeological semiotics*. Blackwell Publishing. Oxford. 313pp.
- PREUCCEL, Robert W; BAUER, Alexander A. 2001. Archaeological pragmatics. *Norwegian Archaeological Review*, v. 34, n.2.85-96pp.
- RONNBERG, Ami. 2011. *El libro de los símbolos*. Tachen. Madrid. 807pp